



AQUILOMBAMENTO: (RE)EXISTÊNCIAS SONORAS NO ÂMBITO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Vivemos num tempo em que o vocábulo homem não é mais o sinônimo de ser humano. Isto é, indubitavelmente, uma conquista. Especialmente se considerarmos que se trata de uma sinonímia praticada, inclusive, nas teses de doutorado, artigos científicos e congêneres. O que seria importante, no entanto, especialmente nestas latitudes, é que ser humano não fosse sinônimo de branquitude – de indivíduos ou de um coletivo de indivíduos reconhecidos como brancos, e tudo que essa lógica implica. Cumpre observar – e lamentar – que não se trata de uma realidade nem nas teses de doutorado, nem nos artigos científicos, quiçá no mundo dito “real” – se é que essa noção ainda vigora em tempos de artifício e virtualidade.

Seguimos, na maioria das universidades brasileiras (ainda que ensaiando implosões e, esperamos, galgando espaços), rezando “curricularmente” na cartilha do repertório eurocentrado ou, para citar o glorioso Nêgo Bispo, no pensamento do povo “colonizador”¹ (SANTOS, 2023, p. 68-77), o que pressupõe o clássico, o canônico, o erudito, o monológico, de corpo docente quase uniforme, e que soa ainda mais dissonante quando falamos de música em pleno Rio de Janeiro – isto é, a terra da Pequena África, dos ciclos chorões, batuqueiros, jongueiros, partideiros, carnavaleiros, sambistas, funkeiros, charmeiros, e por aí vai, cultivados nesse fabuloso e grandioso terreiro disperso nos morros e subúrbios, e protagonizados por personalidades e comunidades que subverteram e subvertem, através do discurso múscico-linguístico, uma realidade colonizada que parecia (e ainda parece) inerte. Mais do que subverter, aliás, trata-se de transcender. E aqui não estamos mais falando da universidade brasileira, mas da vida cotidiana no Brasil – onde o povo afro-diaspórico, de uma maneira ou de outra, também se reporta à sua ancestralidade,

¹ A construção apresentada por Bispo apresenta uma dicotomia entre o “pensamento pluralista dos povos politeístas” e o “pensamento monista do povo monoteísta, ou “povo colonizador”. É a partir de tal dicotomia entre um “pensamento monista desterritorializado” e o “pensamento plurista territorializado” que derivam outras como: elaboração e estruturação vertical X elaboração e estruturação circular; colonização X contra colonização; desenvolvimento X biointeração; sintético X orgânico; aparência X realidade; confluência X transfluência (SANTOS, 2023, p. 68-77).

à África. Daí que, se ainda vivemos sob a égide de um “regime” que nos parece escravocrata, onde as instituições são signatárias de normativas do século XIX – para dizer o mínimo –, só nos resta aquilombar. Sim. Não se trata, simplesmente, de um aquilombamento “acadêmico”, mas de um aquilombamento existencial, vital, uma vez que nossa herança continental não presume fragmentações, mas a integridade da comunidade total, afeita ao cosmos, à mercê das intempéries de kalunga, e que, como dizia o mestre fula Amadou Hampaté Bá, é “um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem” (Hampate Bá, 1980, p.169).

*

A Revista Debates da UNIRIO, em parceria com o Coletivo Negro e o Grupo de Pesquisa Elza Soares, tem o prazer de apresentar o dossiê “Aquilombamento: (re)existências sonoras no âmbito das relações étnico-raciais”. O dossiê reverbera e dá continuidade a recentes e importantes movimentações no campo da pesquisa musical no Brasil, alinhando-se a iniciativas como o manifesto contra o racismo nos cursos de Música promovido pelo Coletivo Mwanamuziki, a realização do Simpósio Temático “Música e Pensamento Afrodiáspórico” (ANPPOM, Salvador, 2024) e a publicação do livro “Música e Pensamento Afrodiáspórico” (organizado por Eurides Santos, Luan Sodré e Marcos Santos), entre outras ações que deram visibilidade às questões de raça e cultura dentro do universo da música. A proposta deste dossiê foi reunir trabalhos que investigassem experiências sonoras afrodescendentes, amefricanas, afropindorâmicas e/ou africanas que se configuraram como (re)existências no cerne ou nas margens de espaços dominados pela branquitude e seus símbolos, seja em contextos institucionalizados ou informais. Mais do que um espaço para discussões acadêmicas, o dossiê é proposto como um campo de reflexão sobre as práticas sonoras negras, suas epistemologias e conceitos, que desafiaram as narrativas hegemônicas e reconstruíram, a partir das musicalidades afro-diáspóricas e africanas, novas possibilidades de resistência e reexistência.

Buscamos aqui expandir e aprofundar o diálogo acerca das sonoridades que emergiram do aquilombamento – um conceito que evocou, além da resistência histórica à escravidão, uma contínua práxis de construção de espaços de liberdade e criatividade negra nas diásporas. Foi com este intuito que convidamos pesquisadores e pesquisadoras a compartilharem suas pesquisas acerca das relações entre música, identidade, cultura e as tensões raciais contemporâneas, explorando as formas como as sonoridades negras se afirmaram como elementos centrais em um repensar epistemológico.

O dossiê teve um pré-lançamento no evento realizado no dia 20 de dezembro de 2024 na Sala Alberto Nepomuceno do Instituto Villa-Lobos (IVL/UNIRIO), que contou com a participação, como convidado, do pesquisador, músico, escritor, Doutor em Música, dedicado à etnomusicologia e à cultura africana no Brasil, Spirito Santo, que contribuiu substancialmente para o debate acerca das tensões raciais na universidade. A performance musical junto a seu grupo MusikEletroFolk aliou a investigação de repertório e técnicas de construção de instrumentos africanos a remixes de sons negros. O registro desse evento encontra-se disponível no link: <https://youtu.be/nFln9JusGvE?si=a8RKd3GV1ld4SevZ>

Em “Afrofuturismo na escola: inovando experiências musicais”, Beatriz de Souza Bessa propõe uma reflexão sobre como o afrofuturismo pode ser integrado ao ambiente escolar, principalmente na educação das relações étnico-raciais. A pesquisa tem foco no

uso da música negra como ferramenta pedagógica, propondo atividades que conectam a cultura ancestral ao uso de recursos digitais, como tambores e remixes. A autora se inspira nas obras de Leda Martins, Ytasha Womack e Joni Acuff, além de apresentar experiências vivenciadas em uma escola de favela do Rio de Janeiro, onde busca fomentar práticas antirracistas e criativas, alinhando o passado, o presente e o futuro da música negra no contexto educacional.

Thiago de Souza Borges, em “A dialética do senhor e do escravo: carnaval, disputas, sentidos e significados”, investiga a formação da cultura negra de resistência, em um contexto que transita entre as classes sociais no período escravista e suas repercussões pós-abolição. O artigo dialoga com as obras de Clóvis Moura e outros estudiosos, abordando as tensões e a construção simbólica da cultura negra no Brasil, com ênfase no carnaval de rua carioca. Borges utiliza a corrente historiográfica da Nova História Cultural como base para entender as elaborações culturais da população negra, trazendo à tona as disputas e sentidos que emergem das relações sociais e raciais dessa época, ainda presentes nas manifestações culturais contemporâneas.

O artigo “Macetamento no Beat Pega Hacker: tecnologias e gambiarra do Beat Afroeletrônico”, de GG Albuquerque, propõe uma análise das epistemologias sonoras e metodologias criativas das culturas afro-diaspóricas na música eletrônica. O estudo aborda as sonoridades do funk mandelão de São Paulo, o kuduro de Angola e a batida de Lisboa, destacando a crítica à neutralidade tecnológica e a relevância de práticas como o erro, o improviso e a gambiarra na produção musical. A pesquisa dirige um olhar decolonial e antirracista à tecnologia, destacando como essas práticas criativas e racializadas geram novas formas de agência no uso de dispositivos tecnológicos, desafiando narrativas dominantes sobre a produção musical e cultural.

Larissa Papa Nogueira Martins e Fábio da Silva Sousa, em “Feminismo negro, interseccionalidade e estudos culturais: uma análise da representatividade e resistências na vida de Elza Soares”, exploram a trajetória de uma das maiores artistas negras do Brasil, Elza Soares, a partir das perspectivas do feminismo negro e da interseccionalidade. A pesquisa busca compreender como a vida e a carreira de Elza Soares refletem as transformações sociais, artísticas e políticas do Brasil, especialmente em relação à resistência das mulheres negras. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, os autores analisam a letra da canção “O que se cala” como um exemplo da crítica social que permeia a obra da cantora, refletindo sobre sua atualidade e seu impacto nas lutas sociais e culturais.

Gabriel Muniz de Souza Queiroz, por sua vez, em “Paisagem afrossonora: um sentido afrodiáspórico para a percepção do espaço geográfico”, propõe a noção de “paisagem sonora afrodiáspórica” para compreender como os sons e as corporeidades negras influenciam a formação de territórios e identidades. A pesquisa explora como a sonoridade, seja por meio da música, dos ritmos ou das vozes, pode moldar a percepção do espaço, destacando experiências imersivas e relatos de pessoas negras em comunidades africanas e de sua diáspora. O artigo propõe uma abordagem afroperspectiva, enfatizando o papel dos elementos sonoros na construção cultural e identitária dos lugares que as comunidades negras habitam, seja no continente africano ou fora dele.

“A voz e a rabeca de Fabião das Queimadas no séc. XIX/XX: notas sobre os regimes editoriais e auditorias que caracterizam a cantoria de um afrodescendente no contexto escravocrata”, de Caio Padilha, apresenta um exercício de escuta crítica para ressonificar as entoações de Fabião das Queimadas (1848-1928), referência da cantoria de rabeca,

através de revisão das ideias e classificadores utilizados por folcloristas, em especial no livro "Vaqueiros e Cantadores" de Luís da Câmara Cascudo. Ao observar o silenciamento produzido pelos métodos antropológicos utilizados no início do século XX no Brasil, seu viés colonial, cientificista e sua primazia pelo registro escrito, que ignorou as sonoridades e implicações próprias da rabeca e do português iletrado do músico, o autor busca compreender os componentes sonoros do repertório romanceiro de Fabião codificados graficamente na chamada literatura oral, imaginando uma nova escuta que dá voz às nuances subjetivas de alguém em busca de "liberdade" em uma estrutura escravagista, abrindo novas interpretações sobre o repertório consagrado, e tensionando, assim, a economia do discurso poético, a economia colonial e as políticas de escuta.

"A grande música negra do Art Ensemble of Chicago: uma breve revisão bibliográfica", de Romulo Alex Inácio, sublinha aspectos fundamentais na elaboração artística do influente grupo da estética de vanguarda negra norte-americana. A trajetória do grupo articula dimensões temporais que fogem da historicidade das escolas estéticas do século XX e XXI, exemplificando estratégias de organização para a autonomia cultural e transformação material de sua práxis criativa negra, dedicada à música criativa, comunitária e avessa a categorias analíticas reduzidas.

Por fim, o grupo de estudos e pesquisa etnomusicológica NEGÔ, composto por Acsa Braga Costa, Danilo dos Santos, Leonardo Moraes Batista, Thamara Collares do Nascimento e Victor Cantuaria, em "A gente não quer ser assistido, a gente quer se assistir: experiências negras, LGBTQIAPN+ e afrossônicas desde a Batekoo na pesquisa etnomusicológica", articula discussões sobre música a partir de uma etnomusicologia politicamente radicalizada. A pesquisa explora as experiências negras e LGBTQIAPN+ em festas, investigando como as juventudes ativam novas noções de mundo e resistência. Com base em abordagens interseccionais, o estudo propõe uma nova forma de pensar a pesquisa em música, que reconhece as práticas desobedientes e as contribuições do pensamento quilombista e afrodiáspórico, refletindo sobre como esses saberes e modos de resistência estão sendo incorporados (ou não) na etnomusicologia.

A construção desse corpo de conhecimento negro organizado, a revisão de abordagens e conceitos dentro do campo acadêmico da música é, também, a expressão do tempo. Não por caso, os termos afrofuturismo e tempo-espiralar aparecem em diversos textos do dossiê, visto que ambos evocam o (re)fazer desses saberes, o jogo entre "vivido, vivendo e a viver". O campo expandido que Kodwo Eshun (2003) vê no afrofuturismo é caracterizado como um programa para a recuperação das histórias de contra-futuros criadas em um século hostil à projeção afrodiáspórica; um espaço em que o trabalho crítico de produzir ferramentas capazes de intervir no atual regime político pode ser levado a cabo; e cujo imperativo é codificar, adotar, adaptar, traduzir, adulterar, retrabalhar e rever os conceitos científicos estabelecidos pela perspectiva eurocêntrica. A produção, migração e mutação de conceitos nos campos do teórico e do ficcional, do digital e do sônico, do visual e do arquitetural exemplificam o campo expandido do afrofuturismo, considerado como um projeto multimídia distribuído através dos nós, centros, anéis e estrelas do Atlântico Negro (ESHUN, 2003, p. 301). O tempo-espiralar proposto por Leda Maria Martins explora a relação entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes. A proposta da autora é considerar como possibilidade epistemológica a inscrição do tempo a partir do gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, nos ritmos e timbres da vocalidade, que emolduram uma cosmopercepção. Em sua pesquisa, ela almeja investigar

que concepções de tempo circulavam com os africanos trazidos às Américas, e como e por quais vias esses conhecimentos foram transferidos no decorrer da história. A poeta entende que espiralar é o movimento que “melhor ilustra a percepção, concepção e experiência” (Martins, 2021, p. 23). Seu trabalho contribui para a ideia de que o tempo pode ser: ontologicamente experimentado como movimento de reversibilidade, dilatação e contenção, não-linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro; como experiência ontológica e cosmológica que tem como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (Martins, 2021, p. 23). Dessa forma, em curvas, voltas e espirais, esperamos que o movimento do dossiê agite as ideias, e contribua para recompor mais alguns pedaços dessas existências e culturas solapadas por violências históricas e estruturais, mas que vivem, driblam e seguem com suas criações e invenções através do som.

Coletivo Negro e Grupo de Pesquisa Elza Soares
concepção do dossiê

Luiza Nascimento Almeida (Lwiza Gannibal); Renan Ribeiro Moutinho;
Pitter Gabriel Maciel Rocha; Pedro Luiz Fadel Ferreira; Pedro de Moura Aragão
editores convidados

Maya Suemi Lemos
editora-gerente

Referências Bibliográficas:

- BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010.
- ESHUN, Kodwo. Further Considerations on Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, ed. 2, p. 287-302, 2003.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: AYÔ, 2023.